

“SUPER VISÃO” ESCOLAR: REFLEXÕES DE UMA MÃE PEDAGOGA SOBRE A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA

Giselle de Fátima Silva Caé Ferreira¹

Thiago Lemes de Oliveira²

RESUMO:

Este estudo tem como reflexão a participação da família no contexto escolar e o papel do supervisor escolar nessa relação entre a família e a escola, com o objetivo de apresentar os benefícios dessa parceria para o processo formativo do aluno. Busca ainda investigar qual papel a família e a escola exercem no processo de aprendizagem do aluno, e quais os fatores que ocasionam o distanciamento da família do espaço escolar e do processo educativo, que estratégias a escola tem utilizado para promover essa aproximação. Sendo a escola a responsável pelo ensino escolarizado e sendo a família a primeira educadora, a parceria entre essas duas instituições tende a trazer melhores resultados na formação do indivíduo. Pesquisas apontam que quando a família participa do cotidiano da escola, a maior parte dos alunos tem melhor desempenho escolar. A escola em sua função social compartilha com a família a responsabilidade pela formação integral do aluno. Destaca-se dentre as atribuições do supervisor escolar, ser o facilitador da parceria entre família e escola, assim, os resultados dessa pesquisa apontam que muitas famílias têm interesse em participar da vida escolar dos alunos, mas não sabem como, e a atuação do supervisor escolar nessa relação de corresponsabilidade entre família e escola, contribui significativamente para que o processo de aprendizagem aconteça de forma compartilhada.

Palavras-chave: Educação. Família. Escola

1. Introdução

Para muitas famílias brasileiras educar é tarefa da escola, enquanto para a escola, educar é tarefa da família. Afinal, de quem é a responsabilidade de educar? A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 nos traz, no Art. 2º os Princípios e Fins da Educação Nacional de que é dever da família e do Estado a formação do educando em um cidadão crítico, reflexivo, autônomo, integrado ao contexto social de forma que ele tenha condições de intervir, e qualificado para atuar no mercado de trabalho (BRASIL, 1996).

Com essa premissa, é possível compreender que a educação é dever da família e do Estado. Apesar de exercerem papéis diferentes, família e escola têm objetivos em comum, sendo o principal uma educação que contribua para a formação integral do aluno, o que justifica

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: giselleraul@hotmail.com

² Professor Doutorando em estudos linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em educação pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: thilemesoli@gmail.com

um trabalho de colaboração mútua e o empenho por melhores resultados acadêmicos e também na formação de cidadãos críticos, reflexivos, autônomos. Cabe esclarecer que nesse trabalho compreendemos a formação integral, tal como Ferreira (2018) como,

direito de cidadania supõe uma oferta de oportunidades educativas, na escola e além dela, que promovam condições para o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades da criança e do jovem. Sua inclusão no mundo do conhecimento e da vida passa pela garantia de um repertório de conhecimentos, cultural, social, político e afetivo que realmente prepare um presente que fecundará todos os outros planos para o futuro. (FERREIRA, 2018, p.29).

Corroborando com Gramsci (2011, p. 49-50), “a Formação Integral deve produzir em todos os indivíduos a capacidade de se tornarem governantes, assegurando que pensem, estudem, dirijam a sociedade ou controlem quem a dirige. ”

Ao iniciar sua carreira profissional, enquanto secretária escolar da rede pública de ensino, a autora dessa pesquisa observou que na vida escolar de grande parte dos alunos, a ausência da família é uma realidade recorrente. Além disso, os alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, comportamento displicente ou dificuldades em seguir regras, eram pertencentes a famílias que não participavam de forma ativa na escola. Observou-se ainda que o trabalho realizado pela supervisão escolar pode contribuir significativamente para estreitar as relações entre essas instituições, sendo essas observações as propulsoras para a realização dessa pesquisa como será discutido ao longo desse trabalho.

É sabido que atualmente, muitas famílias têm extensas jornadas de trabalho, o que tem afetado diretamente na participação na vida escolar dos alunos, forçando a família a se distanciar cada vez mais da escola. Benato e Soares (2014)

O trabalho assalariado começou a ser realizado também pelas mulheres, as quais passaram a contribuir para o aumento do orçamento familiar. As novas demandas que surgiram com o aumento do consumo exigiram maior formação e a escola passou a dividir com a família a responsabilidade sobre a educação dos seus filhos. (BENATO E SOARES, 2014, p.5)

Diante dessa necessidade, é cada vez mais comum que haja uma transferência de responsabilidades, inerentes a família, para a escola e seus agentes. Tal realidade pode trazer prejuízos para a vida escolar e, conseqüentemente, para a formação do aluno nos aspectos sociais, psicológicos, pedagógicos e afetivos. “O fracasso escolar poderá ser compreendido como fenômeno que emerge, revela-se e se materializa, na forma das relações estabelecidas no

cotidiano escolar, imbricadamente entre professor-estudante, estudante-estudante e estudante-família-escola” (LEITE, 2015. p. 21).

Para Benato e Soares (2014. p.7), “a família e a escola partilham a tarefa de preparar os indivíduos para uma vida econômica, social e cultural, mas os objetivos na tarefa de ensinar são diferentes”. Visto que a escola é corresponsável juntamente com a família pelo processo de ensino-aprendizagem da criança, cabe à instituição de ensino promover essa aproximação para que o processo de aprendizagem aconteça de forma compartilhada. Cooperando, Brito e Freitas pontua que: [...] “observa é a necessidade de caminharem juntas responsabilizando-se mutuamente pela formação dos alunos e, para isso, é necessário que se tenha clareza do que cabe a cada uma das instituições, e tal esclarecimento, só a escola poderá fazer”. (BRITO; FREITAS, 2012, p. 13-14).

Ainda sobre a responsabilidade compartilhada, Benato e Soares (2014) defendem que, a escola e sua estrutura exerce influência na vida dos alunos, defendendo a necessidade de a escola conhecer a realidade de seus alunos e a comunidade onde está inserida, o que auxiliará na criação de estratégias de acolhimento para que família e escola trabalhem juntas.

Com o objetivo de buscar reflexões acerca das concepções que a família tem a respeito da escola e vice-versa, e buscando compreender o papel de cada uma no processo de formação do indivíduo, esse trabalho reflete sobre a parceria entre família e escola e como esse elo pode contribuir para a formação integral do indivíduo, e também sobre a atuação do supervisor escolar na promoção dessa parceria a partir da percepção de uma mãe pedagoga e agente escolar.

Assim, este trabalho orienta-se pelas seguintes questões de pesquisa: (1) Qual o papel da família na formação integral do aluno? (2) Quais estratégias a escola tem utilizado para conscientizar a família do seu papel e aproximar a família da escola? (3) Como pode a supervisão escolar contribuir para maior participação da família na vida escolar de seus filhos?

Dessa forma, a fim de responder a tais questionamentos, o artigo foi organizado da seguinte forma: em “Envolvimento do supervisor escolar” foram apresentadas as teorias que sustentam esse trabalho, a partir das reflexões propostas por seus autores. Em “Metodologia” caracterizamos a abordagem da pesquisa e a composição do seu corpus. Em “Família e Escola: entre encontros e desencontros” discutimos o percurso teórico, a partir da reflexão interpretativista dos depoimentos selecionados em consonância com as pesquisas selecionadas para balizar esse trabalho. Por fim, em “Considerações finais” expomos nossas reflexões, apontando as contribuições desse trabalho para os autores e para a comunidade acadêmica, projetando seus possíveis desdobramentos.

2. Envolvimento do supervisor escolar com a escola e seus sujeitos

Ao longo do tempo, as atribuições dadas ao supervisor escolar foram redimensionadas para além de supervisionar a qualidade do ensino através do controle curricular, passando a atuar em todo o processo. Sendo um profissional conhecedor dos documentos orientadores da educação, ele deve ter um olhar criterioso sobre os fazeres pedagógicos, bem como das características da comunidade escolar e atuar nos processos de modo a mediar as relações entre professores, alunos, gestão e família.

Sendo o supervisor escolar, formador e mediador das práticas que favorecem o ensino e a aprendizagem dentro da escola, o quanto sua atuação pode influenciar no relacionamento família e escola? Respondendo a esse questionamento, “o supervisor é quem, num espírito de parceria e coletividade, conduz o processo, participa, discute, ouve, orienta, propõe, informa, assume e partilha responsabilidades com os professores, além de indicar ações” (WENDLER 2015, p. 8). Na mesma linha de pensamento Souza et al. (2017) advogam sobre a extrema relevância que o supervisor tem na escola, por ser o promotor de espaços de discussões, articulador, coordenador e estimulador de ações.

Com isso, podemos perceber como o supervisor escolar deve atuar em relação aos afazeres pedagógicos, participando, ouvindo, orientando, articulando, coordenando e mediando. O meio escolar é feito por pessoas e para pessoas, e sendo a escola corresponsável juntamente com família pela formação integral do aluno, o supervisor é um facilitador para que no meio escolar as ações e relações sejam harmoniosas entre corpo docente, discente e seus responsáveis, em favor do desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Para compreender o papel desse profissional, convém conhecer sua origem. O supervisor escolar surgiu seguindo modelos industriais, assim como nas indústrias ainda existem os supervisores, ou seja, aquele profissional que tem a função de inspecionar se aquilo que foi determinado para cada setor está sendo feito, e foi com essa finalidade de supervisionar o trabalho que surgiu o supervisor escolar.

Segundo Lima (2002), Supervisão surgiu com a industrialização, tendo em vista a melhoria quantitativa e qualitativa da produção, antes de ser assumida pelo sistema educacional, em busca de um melhor desempenho da escola em sua tarefa educativa. (LIMA, 2002, p. 69 *apud* WENDLER ,2015, p. 9)

Saindo do modelo industrial, o supervisor quando assumido pelo sistema educacional tem funções mais específicas como nos elucida as contribuições de Libâneo:

Refere-se ao supervisor escolar como “um agente de mudanças, facilitador, mediador e interlocutor”, um profissional capaz de fazer articulação entre equipe diretiva, educadores, educandas e demais integrantes da comunidade escolar no sentido de colaborar no desenvolvimento individual, social, político e econômico e, principalmente na construção de uma cidadania ética e solidária. (LIBÂNEO, 2002, p.35).

Nessa direção, conforme interpretamos, a função da supervisão escolar é muito mais do que a parte burocrática de inspecionar o trabalho docente. Sua função remete a atuar junto, facilitar processos, mediar ações, promover o diálogo escolar entre direção, professores, alunos e família, buscando alcançar o equilíbrio na construção do trabalho educacional.

2.1 Supervisor escolar na relação: escola, família e comunidade

Lidar com o ser humano é lidar com a diversidade e dentro da escola não é diferente. Conhecimento, colaboração e uma certa atitude de liderança são atributos que contribuirão para que o supervisor escolar lide com a diversidade dentro da escola. O conhecimento dos documentos orientadores, desde a esfera federal até a institucional, auxilia o supervisor a possuir o conhecimento de liderar, em uma conduta colaborativa, que promova a integração das pessoas para um objetivo comum que é a formação integral do aluno.

Atuando junto a gestão escolar, as ações do supervisor escolar precisam ir além da sala de aula e dos muros da escola, ela deve alcançar as famílias e a comunidade. Para Souza et al. (2017) o supervisor escolar, por estar na gestão da escola, é um dos principais responsáveis pelo espaço coletivo de discussão, pois ele é um articulador, coordenador e estimulador de ações críticas, construtivas e participativas, envolvendo os sujeitos que interagem no espaço escolar, visando a qualidade do ensino para a aprendizagem do aluno. Sendo o articulador entre direção escolar, professores, alunos e comunidade escolar, o supervisor precisa estar atento às relações e ao perfil dos alunos, das famílias e da comunidade escolar, para que sua colaboração do planejamento das práticas pedagógicas não esteja fora da realidade da escola.

Com a industrialização, a atuação das mulheres no mercado de trabalho e a chegada dos europeus ao Brasil, movimentos operários foram se fortalecendo e uma das reivindicações foi a criação de instituições educacionais para atendimento das crianças. Para (Paschoal e Machado, 2009)

Devido a muitos fatores, como o processo de implantação da industrialização no país, a inserção da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho e a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, os movimentos operários ganharam força. Eles começaram a se organizar nos centros urbanos mais

industrializados e reivindicavam melhores condições de trabalho; dentre estas, a criação de instituições de educação e cuidados para seus filhos. (PASCHOAL e MACHADO, 2009, p. 83).

A partir disso, iniciou-se a relação entre essas duas instituições, família e escola. Com a necessidade de mão de obra nas fábricas e a ausência de homens, pois esses estavam em sua maioria nas lavouras, as mulheres deixavam seus filhos sobre os cuidados de outras mulheres, que recebiam para isso. Entretanto, essa separação das crianças de sua família elevou o índice de mortalidade infantil e diante desse cenário juntamente com os movimentos operários para regulamentar o trabalho feminino, surgem as primeiras creches (COSTA; SILVA; SOUZA, 2019).

Benato e Soares, 2014 observa que, muitas famílias estão cientes de suas responsabilidades e valorizam a escola, mas não sabem exatamente como agir com seus filhos diante das dificuldades escolares, buscando na escola essa orientação.

Para Santos e Tonisso (2014):

[...] escola e família devem estabelecer relações de colaboração, em que a família possa agir como potencializadora do trabalho realizado pela escola, de forma a incentivar, acompanhar e auxiliar a criança em seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que a escola realize uma prática pedagógica que contribua na formação do ser crítico-reflexivo, e que valorize a participação ativa dos pais no processo educativo, contribuindo assim, para a construção de uma sociedade transformada. (SANTOS e TONISSO, 2014, p.133).

Família e escola têm responsabilidades compartilhadas quanto à formação do cidadão, e para os autores supracitados a escola é o lado detentor do conhecimento necessário para aproximar a família da escola. “Devemos estar cientes de que esta relação não pode ser imposta ou forçada, mas deve ser construída com confiança, sendo a escola responsável pela idealização desta parceria” (BENATO; SOARES, 2014, p. 14).

O supervisor escolar tem papel de destaque na busca pela parceria entre as instituições família e escola, pois ele deve considerar, na organização dos trabalhos e das práticas pedagógicas, projetos que envolva a aproximação de família e escola harmoniosamente, dando voz as famílias, aos alunos, professores e a comunidade. Para Santos et al. (2017) o supervisor escolar está apto a realizar a interlocução entre direção escolar, educandos, corpo docente e comunidade escolar. Pertencendo ao papel de interlocutor entre as relações dentro e fora do ambiente escolar, ele busca dentro de uma atuação organizada conjuntamente com diretor, corpo docente, família e comunidade, favorecer que a escola se torne um ambiente efetivo para a aprendizagem significativa.

Todavia, é de se lembrar que o supervisor escolar está ligado ao planejamento do currículo escolar, o qual deve se dar de forma participativa, a fim de promover a melhoria da qualidade da aprendizagem, assim como do ensino, trazendo a realidade para debate em sala de aula, bem como levando a escola para o meio familiar desses estudantes. (SANTOS et al., 2017. p. 488).

Nesse contexto, planejar de forma participativa envolve todos os sujeitos que compõem a comunidade escolar, sendo o planejamento participativo aquele em que os sujeitos estão coletivamente organizados e comprometidos com a promoção da educação de qualidade. Neste quesito, o supervisor escolar está diretamente ligado ao planejamento, pois existe uma inter-relação do supervisor escolar com os sujeitos que compõem a comunidade. Sobre essa inter-relação, Souza et al. (2017) apontam que “Ademais, o supervisor escolar deve compartilhar as práticas pedagógicas com aqueles que são atingidos por elas”. Diante dessa premissa, o supervisor escolar é o elo entre docentes, discentes e demais sujeitos da comunidade escolar, articulando interesses, modos de ser e de viver dentro do espaço escolar.

2.2 Quem é o supervisor escolar?

O supervisor, no âmbito escolar, iniciou no Brasil em 1950 com cursos promovidos pelo Programa Americano-Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (PABAE), uma aliança entre Brasil e Estados Unidos que buscou soluções para reduzir a evasão escolar e repetência no ensino primário (WENDLER, 2015).

Sobre a origem do supervisor escolar no Brasil, temos as contribuições de Tavares (1980) que destaca três objetivos básicos do PABAE, que esclarece o vir a ser do supervisor educacional:

1º- introduzir e demonstrar, para os educadores brasileiros, métodos e técnicas utilizadas na educação primária promovendo a análise, aplicação e adaptação dos mesmos, a fim de atender às necessidades comunitárias em relação à educação, por meio do estímulo à iniciativa dos professores;

2º- criar e adaptar material didático e equipamento com base na análise de recursos disponíveis no Brasil, e em outros países, no campo da educação primária;

3º - selecionar professores de competência profissional, eficácia no trabalho e conhecimentos da língua inglesa a fim de serem enviados os Estados Unidos para cursos avançados, no campo da educação primária (TAVARES, 1980, p. 44 *apud* ABDULMASSIH, 2013, p. 316).

Por razões prioritariamente políticas e econômicas, intencionalmente inseriu o supervisor escolar no contexto educacional brasileiro (ABDULMASSIH, 2013). No entanto, devido as diversas mudanças que aconteceram ao longo dos anos no contexto escolar, as funções do supervisor educacional foram reajustadas. Para Oliveira:

A Supervisão Educacional, como uma parte da organização escolar, amplia e desenvolve os seus métodos de trabalho, atuando como orientação de grupos, mais do que como orientação individual, embora sem eliminar esta. Incorporando as recentes contribuições da psicologia evolutiva, valoriza o aluno como um ser em crescimento, que precisa ser respeitado nas diferentes etapas do seu processo de desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2015, p. 11-12).

A instituição de ensino e sua equipe devem atuar na formação de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. O supervisor escolar deve pensar no progresso dessa equipe que é formada pelo corpo discente, docente, demais funcionários e comunidade escolar, percebendo o ambiente educacional e seus componentes, buscando ser dinâmico e flexível (WENDLER, 2015).

Para a formação integral de um indivíduo, a responsabilidade de educar é da família e da escola, sendo, portanto, essa formação integral o objetivo comum das duas instituições, e as chances de melhores resultados aumentam consideravelmente se essas duas instituições trabalharem juntas. Família e escola, duas instituições essenciais no processo educativo e ambas indispensáveis e insubstituíveis, uma não está em detrimento da outra, pelo contrário, estão lado a lado atuando de forma colaborativa para o sucesso escolar e a formação do indivíduo.

O desenvolvimento integral envolve aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, por isso as práticas docentes vão além da sala de aula e dos muros da escola, envolve a família e a comunidade. A escola que conhece a sua comunidade promoverá as estratégias adequadas para aproximar a família da escola. Conseqüentemente, o meio social onde o indivíduo está inserido influenciará no seu desenvolvimento, por isso esse indivíduo terá condições de se desenvolver integralmente, sentindo-se acolhido na família e na escola. Nessa conjectura pode-se dizer que:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades... (PIAGET, 2007).

Algumas estratégias têm sido utilizadas pela escola para conscientizar a família do seu papel e aproximar a família da escola, como reuniões de pais periodicamente, festas e eventos que envolvem a participação da família, feiras e exposições de trabalhos abertas à comunidade e as redes sociais. Mas essas estratégias ainda não atingiram a maioria, visto que ainda falta maior conscientização dos pais sobre a sua participação na escola.

Essas estratégias positivas têm como articulador o supervisor escolar, que é o mediador que cria condições e incentiva ações que possibilitam uma maior aproximação da família com a escola. Assim, a próxima seção versará sobre a percepção de uma mãe, futura pedagoga e uma das autoras dessa pesquisa, sobre a atuação da supervisão escolar.

3. Metodologia

Diante do exposto, esta pesquisa busca compreender a parceria da família com a escola, a função do supervisor escolar, bem como o papel de cada uma das instituições, família e escola no processo formativo do aluno ancorada na abordagem qualitativa, apoiados nas contribuições de Stake:

Cada uma das divisões da ciência também possui um lado qualitativo em que a experiência pessoal, a intuição e o ceticismo trabalham juntos para ajudar a aperfeiçoar as teorias e os experimentos. *Qualitativa* significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana. (STAKE, 2011, p.21).

A pesquisa qualitativa investiga documentos, analisa as experiências individuais, grupais, as interações e materiais empíricos, objetivando a interpretação do objeto de estudo. O cotidiano humano exige interpretações a todo momento, a pesquisa qualitativa utiliza a interpretação dos pesquisadores e a interpretação dos envolvidos, partindo de que as interpretações podem ser falhas, faz-se necessário coletar e comparar dados, aumentando assim as possibilidades de uma interpretação correta (STAKE, 2011).

“A pesquisa qualitativa é, algumas vezes, definida como *pesquisa interpretativista*” (STAKE, 2011, p.46). Utilizando da análise interpretativista, o pesquisador concebe sua interpretação sobre o que pesquisou.

Como parte do processo de construção deste trabalho e sendo parte essencial do *corpus* dessa pesquisa científica, foi realizada uma revisão bibliográfica que permitiu uma cobertura mais ampla de investigação. Para Martins e Theóphilo, a pesquisa bibliográfica:

Trata-se de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc. Busca conhecer, analisar e explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico,

visando à construção da plataforma teórica do estudo. (MARTINS; THEÓPHILO, 2016, p. 52)

A pesquisa bibliográfica permitiu a investigação, análise e o aprofundamento acerca dos temas “Família e Escola” e “Supervisão escolar”, além de conferir uma melhor compreensão acerca da abordagem autobiográfica. Espera-se que a partir do diálogo levantado com outros autores e autoras, seja possível problematizar para vislumbrar novas formas de conceber a relação entre a família e a escola, bem como suas influências no processo de ensino-aprendizagem, a partir do trabalho da supervisão escolar.

Esse trabalho considera as percepções de uma mãe que buscou a Pedagogia inspirada pelo trabalho de uma supervisora escolar e que, portanto, também será embasado pelas teorias autobiográficas.

Essa relação dialógica entre o ser e a representação de si revela a disposição à reflexividade autobiográfica e confere ao humano um modo próprio de existência. Essa disposição humana à reflexividade é aqui entendida como probabilidade de o indivíduo (criança, jovem, adulto) voltar-se sobre si mesmo para tentar explicitar o que sente ou até mesmo perceber que fracassa nessa difícil tarefa de (re)elaboração da experiência vivida, mediante instrumentos semióticos disponíveis (em suas mais diversas grafias). (PASSEGGI et al, 2014, p. 89).

A autobiografia oportuniza uma reflexão de si, de narrar a própria experiência, atribuir sentido as memórias, tirando lições de vida e possibilitando uma autoformação. Diante disso, a autora busca refletir sobre a relação família e escola e a atuação do supervisor escolar como mediador dessa relação, a partir de suas experiências como funcionária pública, mãe e futura pedagoga, focalizando os impactos dessa parceria na formação integral do aluno.

Partindo das inquietações que me trouxeram para essa pesquisa na tentativa de responder os objetivos aqui propostos, a abordagem autobiográfica auxiliará nesse processo.

“São as experiências formadoras, na força do que nos atinge, que nos sobrevivem, nos derrubam e transformam, inscritas na memória, que retornam pela narrativa não como descrição, mas como recriação, reconstrução”. (BRAGANÇA, 2011, p.159).

A autobiografia tem como instrumentos a pesquisa e as experiências formativas, resultando em ressignificações.

Em síntese, nosso entendimento acerca de autobiografia é que se trata de uma história de nós mesmos que relembramos, em vista de contingências contextuais, e contamos para nós mesmos e/ou compartilhamos com outros, o

que pode resultar em melhor auto-compreensão. Essa narrativa, notadamente no âmbito da formação acadêmico-profissional, pode impulsionar reflexões e dar acesso a novos paradigmas. (ROMERO; CASAIS, 2019, p.9).

A autobiografia possibilita dialogar com os autores e refletir através das próprias experiências. A partir das experiências pessoais, e dialogando com os autores, o trabalho apresentado, narra a escolha de uma mãe pela carreira pedagógica, a partir de sua observação do trabalho da supervisão escolar, bem como suas reflexões sobre a relação família-escola.

4. Família e Escola: Educação x Ensino

Consideramos a família como a primeira educadora de um discente, ao concordar com Alexandre (2012) que defende:

[...] a família constitui a primeira instância educativa do indivíduo. Este ambiente é o que desperta para a vida como pessoa, onde interioriza valores, atitudes, papéis e onde se desenvolve o processo fundamental da transmissão de conhecimentos, costumes e tradições. (ALEXANDRE, 2012, p.18).

Nessa conjectura, interpretamos que é na família que são passadas as primeiras regras, princípios e valores. Entretanto, pesquisas recentes comprovam que cada vez mais, muitas famílias, ao matricular a criança na escola, têm transferido toda a responsabilidade da formação da criança para a instituição de ensino. Muitos pais, por não compreenderem a importância de sua participação na vida escolar de seus filhos, acabam por transferir a responsabilidade de educar para a escola. Outra questão que surge segundo Osti (2016, p. 379) são as “mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas acabam interferindo na organização e dinâmica familiar, de forma que a família pode transferir para a escola, uma tarefa que também é sua: acompanhar o desempenho de seus filhos.” Com isso:

[...] o desenvolvimento afetivo da criança também será influenciado pelas relações familiares, o contexto familiar poderá atingir positiva ou negativamente o bem-estar de seus participantes. A criança, conseqüentemente, será o reflexo da família na qual convive, já que a família é a fonte principal dos valores éticos, morais e culturais de cada indivíduo. (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p.127).

A partir da observação e percepção encontradas na pesquisa de Santos e Toniosso (2014), podemos notar que muitas famílias não têm consciência do quanto sua ausência na vida

escolar do aluno influencia negativamente em seu desempenho escolar. E como a escola é responsável pelo ensino escolarizado, cabe à instituição de ensino promover essa aproximação para que o processo de ensino aprendizagem aconteça de forma compartilhada, proporcionando ao aluno um melhor aproveitamento da sua aprendizagem.

Além disso, para aclarar o leitor acerca da família, Parolin (2007) relata:

É na família que uma criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem e forma o seu estilo de aprender. Nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim e muito menos sabendo do que gosta e do que não gosta, (PAROLIN, 2007, p.56 *apud* BENATO; SOARES 2014. p.7).

A participação da família no ambiente escolar contribui para o sucesso escolar dos alunos. E para que essa parceria entre família e escola aconteça, cada uma dessas instituições deve tomar ciência dos seus papéis enquanto responsáveis pelo desenvolvimento e educação das crianças, assumindo as responsabilidades que lhe cabem, uma contando com a outra, planejando juntas, se organizando de forma cooperativa para a construção do conhecimento. Essa colaboração nos permite responder a primeira questão dessa pesquisa sobre o papel da família na formação integral do aluno. Sobre isso concordamos com Santos e Toniosso ao refletir que:

[...] a família é vista como um espaço privilegiado de socialização, no qual a criança terá suas primeiras práticas de convivência e divisão de responsabilidades, buscará junto com os outros integrantes da família meios de sobrevivência e, será o lugar em que iniciará seu exercício para a prática da cidadania, com os critérios de igualdade, respeito e dos direitos humanos. (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 127).

Entretanto, mesmo com objetivos em comum, existe um distanciamento entre família e escola. Segundo Oliveira & Marinho-Araújo (2010 p. 107) “Diz-se, de forma geral, que esta relação sempre esteve marcada por movimentos de culpabilização de uma das partes envolvidas, pela ausência de responsabilização compartilhada de todos os envolvidos”. Existe ainda a dificuldade de a família adentrar o espaço escolar, pois é preciso saber qual a concepção que a família possui a respeito da escola e a partir daí criar estratégias que conscientize e aproxime a família da escola. Um dos profissionais responsáveis para mediar essa relação entre família e escola é o supervisor escolar, por isso abordaremos isso na próxima seção.

4.1. A “Super visão” escolar sob a ótica de uma mãe pedagoga

O presente artigo está compreendido dentro de uma abordagem de pesquisa autobiográfica e qualitativa no campo da educação. A utilização de experiências e depoimentos pessoais como *corpus* desta pesquisa, justificamos assim escrita em primeira pessoa em alguns momentos.

No ano de 2016 trabalhei em uma escola onde tive a oportunidade de conhecer e observar a atuação de uma supervisora escolar, o que me inspirou a seguir a carreira pedagógica. Era uma escola pública de educação básica, situada em uma localidade periférica com comunidade de baixa renda, onde os pais são muito ausentes na vida escolar dos filhos e é grande o número de alunos com transtornos dissociativos e índice elevado de evasão escolar.

Aquela supervisora escolar que me inspirou, sempre teve uma “super visão” para seu entorno, uma visão macro, focada em mediar as relações dos professores com os alunos e da escola com os pais, diminuindo a incidência de indisciplinas e evasão escolar, promovendo a aproximação da família para dentro da escola. A atitude dessa supervisora permitiu-me identificar os processos refletidos por Wendler (2015) ao dizer que:

“O supervisor precisa ter habilidade estratégica e disponibilidade para escutar os membros da equipe escolar e assim perceber, com antecedência, as reais necessidades do grupo evitando que empecilhos e conflitos impeçam a construção de uma educação transformadora”. (WENDLER, 2015, p.14)

Por isso, o termo “super visão” foi adotado nesse trabalho, para denotar essa percepção do todo que envolve uma escola, e que essa profissional evidencia de modo transparente em sua prática, como não estar presa somente ao burocrático atrás de uma mesa, mas nos corredores da escola, acessível, atenta a corpo docente e discente.

Conceituando as funções do supervisor escolar, temos as contribuições de Souza et al. (2017):

Portanto, seria um profissional apto a realizar a interlocução entre direção escolar, educandos, educadores e todos os demais indivíduos que, de alguma forma, fazem parte da comunidade escolar. Teria como objetivo principal contribuir para os desenvolvimentos individual, político, econômico, ético e afins. (SOUZA et al., 2017, p. 486).

Enquanto mãe de um aluno de escola pública, participativa da vida escolar dos meus filhos e era funcionária da secretaria escolar. Ao longo dos meus anos de trabalho, constatei que é recorrente a ausência da família nas reuniões escolares e que muitos dos que vão as reuniões ouvem passivamente, sem questionamentos, não sabendo nem questionar quanto ao desenvolvimento do aluno. Corroborando com isso, Benato e Soares (2014, p.11) relatam que “os pais estão cientes de suas responsabilidades, mas estão confusos. Muitos não sabem que

atitudes tomar frente às dificuldades apresentadas pelos filhos/alunos, buscando na escola apoio e orientação”.

Outra percepção possível é que alunos que contam com a participação da família, em sua maioria, tem melhor comportamento e melhor desempenho escolar. A pesquisa realizada por Santos e Coutinho (2020) aponta que:

O envolvimento dos pais é essencial para o processo de ensino-aprendizagem das crianças, pois quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar, o sucesso escolar está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolve essa missão de educar para um futuro melhor. (SANTOS; COUTINHO, 2020, p.42488).

Diante das pesquisas encontradas durante a realização desse trabalho, consideramos que a parceria entre família e escola é capaz de impulsionar o desenvolvimento integral do aluno.

Ao trabalhar nesta escola, observei como é grande a ausência dos pais na vida escolar dos filhos e como muitos desses alunos de pais ausentes, tem problemas de comportamento, falta de assiduidade, infrequência e conseqüentemente evasão escolar. E refletindo sobre esses fatos, relembro as ações da supervisora escolar que dedicadamente cuidava de cada caso, buscando práticas que envolviam os docentes e as famílias, valorizando o aluno e elucidando o sentido de estar na escola.

Relembro um fato que aconteceu nas turmas do ensino médio e que me chamou a atenção, porque a supervisora ouviu os dois lados envolvidos, e eu estudei em uma época em que o professor era o detentor de todo conhecimento e tinha sempre a razão. A supervisora escolar observou que nas aulas de português e sociologia as turmas ficavam mais agitadas, mais barulhentas, e havia ocorrências de indisciplina. Em reuniões realizadas com alunos e com as professoras, apurou-se que as metodologias praticadas não estavam produzindo conhecimento e os alunos ficaram desinteressados. A supervisora escolar, no intuito de aperfeiçoar o fazer das educadoras, planejou junto com elas novas metodologias para envolver os alunos no processo de aprendizagem. Foi possível perceber a melhora significativa que ocorreu após a intervenção da supervisora, tanto no comportamento dos alunos como no aproveitamento escolar. Sobre essa relação do supervisor escolar com o corpo docente, temos as contribuições de Souza et al. (2017):

Essa identificação exige do supervisor escolar uma atualização constante, bem como uma avaliação do seu desempenho profissional. Com isso, é muito importante que esse profissional tenha comprometimento com a *práxis*

educativa, que entenda o meio em que a escola está inserida, provocando, assim, nos educadores, especialmente, o interesse em aliar os conteúdos programáticos à realidade dos estudantes. (SOUZA et al, 2017 p. 487)

Tostes (2013) comenta acerca dos objetivos educacionais que devem ser alcançados por meio de um diálogo problematizador envolvendo o corpo docente e discente, para que os projetos tomem direção e se concretizem, atendendo às expectativas do coletivo. Além disso, a interação entre supervisor e professor será um facilitador para o planejamento do fazer pedagógico.

Outro fato que chamou minha atenção foi o acolhimento das famílias e da comunidade escolar. A postura da supervisora escolar era sempre com um sorriso no rosto para receber as famílias, usando saudações carinhosas e acolhedoras, destacando para as famílias a importância de sua participação na escola e na vida escolar do aluno. Seu objetivo era trazer as famílias para a escola e atentar-se à realidade da comunidade onde a escola está inserida, pois como citado acima se tratava de uma comunidade de baixa renda, e muitas famílias se achavam incapazes de participar da vida escolar do aluno devido ao seu baixo grau de escolaridade. Nas reuniões de pais sempre era oferecido um bom lanche, assim como todos os demais eventos abertos a comunidade, todos eram oferecidos lanches, pois ela observou que ofertar o lanche nas reuniões, assembleias, datas comemorativas, era uma prática que estava atraindo mais famílias para dentro da escola, e com isso aumentar o vínculo e a sensação de pertencimento da família com a escola, e educar as famílias para a participação no desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Segundo Alexandre (2012),

As escolas devem ser promotoras de estratégias que promovam a aproximação da família à escola. Desta forma, os pais devem ser envolvidos de diferentes formas e cabe à instituição proporcionar uma diversidade de condições para o envolvimento parental na escola. (ALEXANDRE, 2012. p.13).

Mas para muitos professores, a aproximação entre família e escola não acontece por desinteresse da família, conforme Oliveira & Marinho-Araújo (2010),

No relato de muitos professores há a afirmação de que, apesar de abrirem as portas da escola à participação dos pais, esses são desinteressados em relação à educação dos filhos, na medida em que atribuem à escola toda a responsabilidade pela educação. (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 103).

Diante do exposto, o supervisor escolar tem o desafio de mudar a troca de culpabilidade, entre família e escola, por responsabilidade, numa conduta que promova a integração dos sujeitos envolvidos no processo educativo e não haja fragmentação na promoção de uma educação efetiva para todos.

Sendo o supervisor escolar, como citado por Libâneo (2002), o interlocutor, mediador das relações dentro da escola e na comunidade escolar, este profissional contribui para que sejam feitas ações construtoras do conhecimento e projetos coletivos. Com olhos e ouvidos atentos, comprometido com a *práxis* educativa, o supervisor escolar visando a qualidade do ensino, busca envolver as famílias e a comunidade escolar para o bom desenvolvimento dos alunos.

Essa parceria entre família e escola, possibilita o desenvolvimento para além da educação escolarizada, buscando formar a consciência capaz de integrar esse cidadão na sociedade e ao mesmo tempo propiciar a ele condições de intervir através de uma visão crítica e adequada.

5. Considerações finais

Com o objetivo de investigar qual papel a família e a escola exercem no processo de aprendizagem do aluno, consideramos através deste trabalho que, família e escola são instituições distintas, mas que se ocupam em partes de um mesmo objetivo, a formação integral do aluno. Compreendemos que diversos fatores distanciam muitas famílias da escola como o fato de terem extensas jornadas de trabalho, outras por baixo grau de escolarização, ou ainda por não ter conhecimento de como agir, esses são alguns dos fatores que têm distanciado a família da escola, e levado muitas famílias a responsabilizar a escola por toda a educação dos filhos.

Conforme Oliveira & Marinho-Araújo (2010), acontece uma troca de culpabilidade, onde a família culpa a escola pelo insucesso do aluno e a escola culpa a ausência da família pelo baixo desempenho do aluno.

Considerando que o período em que o aluno fica na escola é pequeno diante do período em que esse aluno fica com sua família, o sucesso escolar será facilitado quando família e escola caminharem juntas, promovendo juntas a aprendizagem.

A escola como construtora do conhecimento, buscará na família o apoio necessário para que o desenvolvimento do aluno aconteça de forma integral, para isso é necessário educar os

pais quanto a importância de sua participação na vida escolar do aluno, e promover ações que facilitem essa aproximação mútua.

Esse trabalho oportunizou conhecer as atribuições do supervisor escolar e compreender que o supervisor escolar é um profissional envolvido com todas as partes responsáveis pelo fazer pedagógico, e cabe a esse profissional ter uma “super visão”, para que a partir dos seus conhecimentos e de seu olhar atento, contribua na elaboração de práticas que sejam construtoras de ensino de qualidade.

A relação da família com a criança, da criança com a escola e da escola com a família, influencia no interesse do aluno pela escola e conseqüentemente no processo de desenvolvimento do aluno. O supervisor escolar é mediador dessas relações, e ele criará alternativas para que essa relação seja cada vez mais constante e harmoniosa, não ficando a cargo só de um dos atores, mas sim em uma relação de corresponsabilidades, em que todos ajudem a construir o conhecimento capaz de formar o aluno integralmente.

Com essa pesquisa ampliei meus conhecimentos acerca da relação entre família e escola, e realizá-la utilizando também a autobiografia me permitiu revisitar as memórias. Com a correria do dia a dia, as experiências estão cada vez mais raras, portanto, revisitar as memórias é um momento ímpar e de crescimento, a rotina muitas vezes não me permitiu parar e pensar o quanto essas experiências me construíram. No entanto, há necessidade de pesquisas que investiguem as dificuldades das famílias de adentrar o espaço da escola e as dificuldades da escola em trazer as famílias para o espaço escolar.

Por meio deste trabalho, foi possível conhecer um pouco mais sobre a relação família e escola, e a atuação do supervisor escolar junto a essas duas instituições, com a oportunidade de conhecer melhor os atributos do supervisor escolar, este profissional que junto a equipe gestora, ocupa-se de melhorar a qualidade do processo de ensino aprendizagem.

Link para vídeo de apresentação disponível em: <https://youtu.be/FCjRV7gtfoI>

REFERÊNCIAS

ABDULMASSIH, M. B. F. A Formação do Pedagogo e a Supervisão Educacional no Brasil: uma política identidade em debate. **Brazilian Geographical Journal: geosciences and humanities research medium**, v. 4, p. 311-326, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/23433>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

ALEXANDRE, S. **Estratégias para promover a aproximação família – escola**. 2012. 56 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Mestrado em Ensino na Especialidade de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Instituto Politécnico de Beja, Beja, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ipbeja.pt/bitstream/20.500.12207/167/4/Susana%20Alexandre%20-%202012.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BENATO, D. T. SOARES, S. T. **Família e Escola: uma relação de desafios. Os desafios da escola Paranaense na perspectiva do professor PDE**, v. 1, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_artigo_dulcemara_terezinha_benato.pdf> Acesso em: 28 ago. 2020.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 1, p. 20-28. 2002.

BRAGANÇA, I. F. de S., Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. Educação. **Porto Alegre**, v. 34, n. 2, p. 154-164, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/%20faced/article/viewFile/8700/6352>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 20 de dezembro de 1996**. Brasília. 1996. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=%C2%A7%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disciplina,trabalho%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20social>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BRITO, K. L. S; FREITAS, V. O. Escola e Família: responsabilidade compartilhada. In: **VI Colóquio Internacional “Educação e contemporaneidade”**. 2012.

COSTA, M. A. A. da; SILVA, F. M. C. da; SOUZA, D. da S. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3476>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

FERREIRA, G. A. da S. **A função social da escola de formação integral: um estudo da proposta pedagógica da escola parque Anísio Teixeira de Ceilândia**. 2018. 79 f. Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação - Fe da Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/20566>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LEITE, F. O. T. **Família e escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar**. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Instituto de Educação, Lisboa, 2015. Disponível em: <<https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/6276/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FRANCISCA%20OLEANIA.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2020.

LIBANEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, E. C. de. Um olhar histórico sobre a supervisão. In: RANGEL, Mary. **Supervisão pedagógica: princípios e práticas**. Campinas: Papirus, 2002.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016. Disponível em: <<https://www.ipbeja.pt/Documents/Docs%20Noticias/UbiNET.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

OLIVEIRA, J. A.P. de. **A Importância da Participação da Família na Escola**. 2015. 4 v. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão Escolar, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santana do Livramento, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/151627>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 99-108. 2010. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a12.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2021.

OSTI, A. Contexto familiar e o desempenho de estudantes de uma escola no interior de São Paulo. **Etd - Educação Temática Digital**, v. 18, n. 2, p. 369. 2016.

PAROLIN, I. As emoções como mediadoras da aprendizagem. **Anais do VII Encontro de Educação**. PUCPR-EDUCERE. Paraná: Saberes Docentes, 2007.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, SP, n.33, p.78-95, 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PASSEGGI, M.C. et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. In: **Educação**. Santa Maria, v.39, n.1, p.85-104, jan./abr. 2014.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

ROMERO, T. R. de S.; CASAIS, A. A. S. Construção Identitária no Processo de Aprendizagem de Língua e Cultura em Autobiografia de Imigrante. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 35, n. 4, 2019.

SANTOS, S. J. V. dos; COUTINHO, D. J. G. A contribuição da família no contexto escolar. **Brazilian Journal Of Development**, v. 6, n. 7, p. 42478-42498. 2020.

SANTOS, L. R. dos; TONIOSSO, J. P. A importância da relação escola-família. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, v. 1, n. 1, p. 122-134, 2014.

SARAIVA, L. A.; WAGNER, A. A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 21, n. 81, p. 739-772, dez. 2013.

SOUZA, M. E. do P. Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. Santo Antônio da Platina. **Cadernos de Educação: ensino e sociedade**, Bebedouro –SP, v. 1, n. 1, p. 122-134. 2014. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074149.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SOUZA, M. B. de et al. Desafios da supervisão escolar: o papel do supervisor escolar no planejamento participativo-escolar. **Conjectura Filosofia e Educação**, v. 22, n. 3, p. 482-499, 1 set. 2017.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso. 2011.

TAVARES, J. N. Educação e Imperialismo no Brasil. In: **Educação e Sociedade**, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.

TOSTES, S. C. Interações supervisor-professor: diálogos de proteção da face. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 13, n. 1, p. 197-218, 2013.

ZANE, A.; Dias S., **A Função da Família na Educação Escolar**. 2013. 36 f. Monografia (Especialização de Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4497/1/MD_EDUMTE_2014_2_115.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

WENDLER, R. F. **Supervisor Escolar**: o articulador do processo pedagógico. 2015. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Sobradinho, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12529/TCCE_GE_EaD_2015_WENDLER_R_OSIMERI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 out. 2020.